

As Forças Caudinas

Texto-fonte:
Teatro de Machado de Assis, org. de João Roberto Faria,
São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Publicado originalmente em *Contos Sem Data*, Machado de Assis,
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

Comédia em dois atos

PERSONAGENS

TITO
ERNESTO SEABRA
ALEIXO CUPIDOV, *coronel russo*
EMÍLIA SOARES, *viúva*
MARGARIDA SEABRA
UM CORREIO

A cena passa-se em Petrópolis — Atualidade.

ATO PRIMEIRO

(Um jardim: mesa, cadeiras de ferro. A casa a um lado.)

Cena I

SEABRA *(assentado a um lado da mesa, com um livro aberto)*;
MARGARIDA *(do outro lado)*

SEABRA — Queres que paremos aqui?

MARGARIDA — Como quiseres.

SEABRA *(fechando o livro)* — É melhor. As coisas boas não se gozam de uma assentada. Guardemos um bocado para a noite. Demais, era já tempo que eu passasse do idílio escrito para o idílio vivo. Deixa-me olhar para ti.

MARGARIDA — Jesus! Parece que começamos a lua-de-mel.

SEABRA — Parece e é. E se o casamento não fosse eternamente isto o que poderia ser? A ligação de duas existências para meditar discretamente na melhor maneira de comer o maxixe e o repolho? Ora, pelo amor de Deus! Eu penso que o casamento deve ser um namoro eterno. Não pensas como eu?

MARGARIDA — Sinto...

SEABRA — Sentes, é quanto basta.

MARGARIDA — Mas que as mulheres sintam é natural; os homens...

SEABRA — Os homens são homens.

MARGARIDA — O que nas mulheres é sensibilidade, nos homens é pieguice: desde pequena me dizem isto.

SEABRA — Enganam-te desde pequena.

MARGARIDA — Antes isso!

SEABRA — É a verdade. E desconfia sempre dos que mais falam, homens ou mulheres. Tens perto um exemplo. A Emília faz um grande cavalo de batalha da sua isenção. Quantas vezes se casou? Até aqui duas, e está nos vinte e cinco anos. Era melhor calar-se mais e casar-se menos.

MARGARIDA — Mas nela é brincadeira.

SEABRA — Pois sim. O que não é brincadeira é que os cinco meses do nosso casamento parecem-me cinco minutos...

MARGARIDA — Cinco meses!

SEABRA — Como foge o tempo!

MARGARIDA — Dirás sempre o mesmo?

SEABRA — Duvidas?

MARGARIDA — Receio. É tão bom ser feliz!

SEABRA — Sê-lo-ás sempre e do mesmo modo. De outro não entendo eu.

TITO (*ao fundo*) — O que é que não entendes?

Cena II

MARGARIDA, SEABRA, TITO

SEABRA — Quem é? (*levanta-se e vai ao fundo*) Ah! é o Tito! Entra! Entra! (*abre a cancela*) Ah! (*abraçam-se*) Como estás? Acho-te mais gordo! Anda cumprimentar minha mulher. Margarida, aqui está o Tito!

TITO — Minha senhora... (*a Seabra*) Dás licença? (*a Margarida*) Quem vem de longe quer abraços. (*dá-lhe um abraço*) Ah! aproveito a ocasião para dar-lhes os parabéns.

SEABRA — Recebeste a nossa carta de participação?

TITO — Em Valparaíso.

SEABRA — Anda sentar-te e conta-me a tua viagem.

TITO — Isso é longo. O que te posso contar é que desembarquei ontem no Rio. Tratei de indagar a tua morada. Disseram-me que estavas temporariamente em Petrópolis. Descansei , mas logo hoje tomei a barca da Prainha e aqui estou. Eu já suspeitava que com o teu espírito de poeta irias esconder a tua felicidade em algum recanto do mundo. Com efeito, isto é verdadeiramente uma nesga do paraíso. Jardim, caramanchões, unia casa leve e elegante, um livro... (*abre o livro*) Bravo! *Marília de Dirceu...* É completo? *Tityre, tu patulae...* Caio no meio de um idílio. (*a Margarida*) Pastorinha, onde está o cajado? (*Margarida ri às gargalhadas*) Ri mesmo como uma pastorinha alegre. E tu, Teócrito, que fazes? Deixas correr os dias como as águas do Paraíba? Feliz criatura!

SEABRA — Sempre o mesmo!

TITO — O mesmo doido? (*a Margarida*) Acha que ele tem razão?

MARGARIDA — Acho, se o não ofendo...

TITO — Qual, ofender! Se eu até me honro com isso. Sou um doido inofensivo, isso é verdade. Mas é que realmente são felizes como poucos. Há quantos meses se casaram?

MARGARIDA — Cinco meses fazem domingo.

SEABRA — Disse há pouco que me pareciam cinco minutos.

TITO — Cinco meses, cinco minutos! Eis toda a verdade da vida. Se os pusessem sobre uma grelha, como São Lourenço, cinco minutos eram cinco meses. E ainda se fala em tempo! Há lá tempo! O tempo está nas nossas impressões. Há meses para os infelizes e minutos para os venturosos!

SEABRA — Mas que ventura!

TITO — Completa, não? Imagino! Marido de um serafim nas graças e no coração... Ah! perdão, não reparei que estava aqui... mas não precisa corar!... Disto me hás de ouvir vinte vezes por dia! o que penso, digo. (*a Seabra*) Como não te hão de invejar os nossos amigos!

SEABRA — Isso não sei.

TITO — Pudera! Encafudado neste desvão do mundo de nada podes saber. E fazes bem. Isto de ser feliz à vista de todos é repartir a felicidade. Ora, para respeitar o princípio devo ir-me já embora...

SEABRA — Deixa-te disso: fica conosco.

MARGARIDA — Os verdadeiros amigos também são a felicidade.

TITO (*curvando-se*) — Oh!...

SEABRA — É até bom que aprendas em nossa escola a ciência do casamento.

TITO — Para quê?

SEABRA — Para te casares.

TITO — Hum!

MARGARIDA — Não pretende?

SEABRA — Estás ainda o mesmo que em outro tempo?

TITO — O mesmíssimo.

MARGARIDA — Tem horror ao casamento?

TITO — Não tenho vocação. É puramente um caso de vocação. Quem a não tiver não se meta nisso que é perder o tempo e o sossego. Desde muito tempo estou convencido disto.

SEABRA — Ainda te não bateu a hora.

TITO — Nem bate.

SEABRA — Mas, se bem me lembro, houve um dia em que fugiste às teorias de costume; andavas então apaixonado...

TITO — Apaixonado é engano. Houve um dia em que a providência trouxe uma confirmação aos meus instantes solitários. Meti-me a pretender uma senhora...

SEABRA — É verdade: foi um caso engraçado.

MARGARIDA — Como foi o caso?

SEABRA — O Tito viu em um baile uma rapariga. No dia seguinte apresenta-se em casa dela, e, sem mais nem menos, pede-lhe a mão. Ela respondeu... que te respondeu?

TITO — Respondeu por escrito que eu era um tolo e me deixasse daquilo. Não disse positivamente tolo, mas vinha a dar na mesma. É preciso confessar que semelhante resposta não era própria. Voltei atrás e nunca mais amei.

MARGARIDA — Mas amou naquela ocasião?

TITO — Não sei se era amor, era uma coisa... Mas note, isto foi há uns bons cinco anos. Daí para cá ninguém mais me fez bater o coração.

SEABRA — Pior para ti.

TITO — Eu sei! Se não tenho os gozos intensos do amor, não tenho nem os dissabores nem os desenganos. É já uma grande fortuna!

MARGARIDA — No verdadeiro amor não há nada disso...

TITO — Não há? Deixemos o assunto; eu podia fazer um discurso a propósito, mas prefiro...

SEABRA — Ficar conosco? Está sabido.

TITO — Não tenho essa intenção.

SEABRA — Mas tenho eu. Hás de ficar.

TITO — Mas se eu já mandei o criado tomar alojamento no hotel de Bragança...

SEABRA — Pois manda contra-ordem. Fica comigo!

TITO — Insisto em não perturbar a tua paz.

SEABRA — Deixa-te disso!

MARGARIDA — Fique!

TITO — Ficarei.

MARGARIDA — E amanhã depois de ter descansado, há de nos dizer qual é o segredo da isenção de que tanto se ufana.

TITO — Não há segredo. O que há é isto. Entre um amor que se oferece e... uma partida de voltarete, não hesito, atiro-me ao voltarete. A propósito, Ernesto, sabes que encontrei no Chile um famoso parceiro de voltarete? Fez a casca mais temerária que tenho visto... *(a Margarida)* Sabe o que é uma casca?

MARGARIDA — Não.

TITO — Pois eu lhe explico.

SEABRA — Aí chega a Emília.

Cena III

Os mesmos, EMÍLIA e o CORONEL

MARGARIDA *(indo ao fundo)* — Viva, Senhora ingrata, há três dias...

EMÍLIA — E a chuva?

CORONEL — Minha Senhora, Sr. Seabra...

SEABRA *(a Emília)* — D. Emília, vem achar-me na maior satisfação. Tornei a ver um amigo que há muito andava em viagem. Tenho a honra de lho apresentar: é o Sr. Tito Freitas.

TITO — Minha Senhora! (*Emília fita-lhe os olhos por algum tempo procurando recordar-se; Tito sustenta o olhar de Emília com a mais imperturbável serenidade*)

SEABRA (*apresentando*) — O Sr. Aleixo Cupidov, coronel do exército russo; o Sr. Tito Freitas... Bem... (*indo à porta da casa*) Tragam cadeiras...

EMÍLIA (*a Margarida*) — Pois ainda hoje não viria se não fosse a obsequiosidade do Sr. Coronel...

MARGARIDA — O Sr. Coronel é uma maravilha. (*chega um fâmulos com cadeiras, dispõe-nas e sai*)

CORONEL — Nem tanto, nem tanto.

EMÍLIA — É, é. Eu só tenho medo de uma coisa; é que suponham que me acho contratada para vivandeira para o exército russo...

CORONEL — Quem suporia?

SEABRA — Sentem-se, nada de cerimônias.

EMÍLIA — Sabem que o Sr. Coronel vai fazer-me um presente?

SEABRA — Ah!...

MARGARIDA — O que é?

CORONEL — É uma insignificância, não vale a pena.

EMÍLIA — Então não acertam? É um urso branco.

SEABRA e MARGARIDA — Um urso!

EMÍLIA — Está para chegar; mas só ontem é que me deu notícia...

TITO (*baixo a Seabra*) — Com ele faz um par.

MARGARIDA — Ora, um urso!

CORONEL — Não vale a pena. Contudo mandei dizer que desejava dos mais belos. Ah! não fazem idéia do que é um urso branco! Imaginem que é todo branco!

TITO — Ah!...

CORONEL — É um animal admirável.

TITO — Eu acho que sim. (*a Seabra*) Ora vê tu, um urso branco que é todo branco! (*baixo*) Que faz este sujeito?

SEABRA (*baixo*) — Namora a Emília, mas sem ser namorado.

TITO (*idem*) — Diz ela?

SEABRA (*idem*) — E é verdade.

EMÍLIA (*respondendo a Margarida*) — Mas por que não me mandaste dizer? Dá-se esta, Sr. Seabra; então faz-se anos nesta casa e não me mandam dizer?

MARGARIDA — Mas a chuva?

EMÍLIA — Anda lá, maliciosa! Bem sabes que não há chuva em casos tais.

SEABRA — Demais fez-se a festa tão à capucha!

EMÍLIA — Fosse o que fosse, eu sou de casa.

TITO — O coronel está com licença, não?

CORONEL — Estou, sim, senhor.

TITO — Não tem saudades do serviço?

CORONEL — Podia ter, mas há compensações...

TITO — É verdade que os militares, por gosto ou por costume, nas vagas do serviço do exército, alistam-se em outro exército, sem baixa de posto, alferes quando são alferes, coronéis quando são coronéis. Tudo lhes corre mais fácil: é o verdadeiro amor; o amor que cheira a pelouro e morrião. Oh! esse sim!

CORONEL — Oh!...

TITO — É verdade, não?

CORONEL — Faz-se o que se pode...

EMÍLIA (*a Tito*) — É advogado?

TITO — Não sou coisa alguma.

EMÍLIA — Parece advogado.

MARGARIDA — Oh! ainda não sabes o que é o nosso amigo... Nem digo, que tenho medo...

EMÍLIA — É coisa tão feia assim?

TITO — Dizem, mas eu não creio.

EMÍLIA — O que é então?

MARGARIDA — É um homem incapaz de amar... Não pode haver maior indiferença para o amor... Em resumo, prefere a um amor... o quê? Um voltarete.

EMÍLIA — Disse-te isso?

TITO — E repito. Mas note bem, não é por elas, é por mim. Acredito que todas as mulheres sejam credoras da minha adoração; mas eu é

que sou feito de modo que nada mais lhes posso conceder do que uma estima desinteressada.

EMÍLIA — Se não é vaidade, é doença.

TITO — Há de me perdoar, mas eu creio que não é doença nem vaidade. É natureza: uns aborrecem as laranjas, outros aborrecem os amores; agora se o aborrecimento vem por causa das cascas, não sei; o que é certo é que é assim.

EMÍLIA (*a Margarida*) — É ferino!

TITO — Ferino, eu? Sou uma seda, uma dama, um milagre de brandura... Dói-me, deveras, que eu não possa estar na linha dos outros homens, e não seja, como todos, propenso a receber as impressões amorosas, mas que quer? A culpa não é minha.

SEABRA — Anda lá, o tempo há de mudar.

TITO — Mas quando? Tenho vinte e nove feitos!

EMÍLIA — Já, vinte e nove?

TITO — Completei-os pela Páscoa.

EMÍLIA — Não parece.

TITO — São os seus bons olhos...

UM CORREIO (*ao fundo*) — Jornais da corte! (*Seabra vai tomar os jornais. Vai-se o correio*)

SEABRA — Notícias do pacote.

CORONEL — Notícias do pacote? Faz-me favor de um? (*Seabra dá-lhe um jornal*)

SEABRA — Queres ler, Tito?

TITO — Já li. Mas olha, deixa-me ir tirar estas botas e mandar chamar o meu criado.

SEABRA — Vamos. Dispensam-nos por um instante?

EMÍLIA — Pois não!

SEABRA — Vamos.

TITO — Não tardo nada. (*entram os dois em casa. O Coronel lê as notícias com grandes gestos de espanto*)

EMÍLIA — Coronel, ao lado da casa há um caramanchãozinho, muito próprio para leitura...

CORONEL — Perdão, minha senhora, eu bem sei que faço mal, mas é que realmente o pacote trouxe notícias gravíssimas.

EMÍLIA — No caramanchão! no caramanchão!

CORONEL — Hão de perdoar, com licença... *(a Emília)* Não vai sem mim?

EMÍLIA — Conto com a sua obsequiosidade.

CORONEL — Pois não! *(sai)*

Cena IV

MARGARIDA, EMÍLIA

MARGARIDA — Quando te deixará este eterno namorado?

EMÍLIA — Eu sei lá! Mas, afinal de contas, não é mau homem. Tem aquela mania de me dizer no fim de todas as semanas que nutre por mim uma ardente paixão.

MARGARIDA — Enfim, se não passa da declaração semanal...

EMÍLIA — Não passa. Tem a vantagem de ser um braceiro infalível para a rua e um realejo menos mau dentro de casa. Já me contou umas cinquenta vezes a batalha em que ganhou o posto de coronel. Todo o seu desejo, diz ele, é ver-se comigo em São Petersburgo. Quando me fala nisto, se é à noite, e é quase sempre à noite, mando vir o chá, excelente meio de aplacar-lhe os ardores amorosos. Gosta do chá que se péla! Gosta tanto como de mim! Mas aquela do urso branco? E se realmente mandou vir um urso?

MARGARIDA — Aceita.

EMÍLIA — Pois eu hei de sustentar um urso? Não me faltava mais nada.

MARGARIDA — Quer-me parecer que acabas por te apaixonar...

EMÍLIA — Por quem? Pelo urso?

MARGARIDA — Não; pelo coronel.

EMÍLIA — Deixa-te disso... Ah! mas o original... o amigo de teu marido? Que me dizes do vaidoso? Não se apaixonou!

MARGARIDA — Talvez seja sincero...

EMÍLIA — Não acredito. Pareces criança! Diz aquilo dos dentes para fora...

MARGARIDA — É verdade que não tenho maior conhecimento dele...

EMÍLIA — Quanto a mim, pareceu-me não ser estranha aquela cara... mas não me lembro!

MARGARIDA — Parece ser sincero... mas dizer aquilo é já atrevimento.

EMÍLIA — Está claro...

MARGARIDA — De que te ris?

EMÍLIA — Lembra-me um do mesmo gênero que este... Foi já há tempos. Andava sempre a gabar-se da sua isenção. Dizia que todas as mulheres eram para ele vasos da China: admirava-as e nada mais. Coitado! Caiu em menos de um mês. Margarida, vi-o beijar-me a ponta dos sapatos... depois do que desprezei-o.

MARGARIDA — Que fizeste?

EMÍLIA — Ah! não sei o que fiz. Fiz o que todas fazemos. Santa Astúcia foi quem operou o milagre. Vinguei o sexo e abati um orgulhoso.

MARGARIDA — Bem feito!

EMÍLIA — Não era menos do que este. Mas falemos de coisas sérias... Recebi as folhas francesas de modas...

MARGARIDA — Que há de novo?

EMÍLIA — Muita coisa. Amanhã tas mandarei. Repara em um novo corte de mangas. É lindíssimo. Já mandei encomendas para a corte. Em artigos de passeio há fartura e do melhor.

MARGARIDA — Para mim quase que é inútil mandar.

EMÍLIA — Por quê?

MARGARIDA — Quase nunca saio de casa.

EMÍLIA — Nem ao menos irás jantar comigo no dia de ano bom?

MARGARIDA — Oh! com toda a certeza!

EMÍLIA — Pois vai... Ah! irá o homem? O Sr. Tito?

MARGARIDA — Se estiver cá... e quiseres...

EMÍLIA — Pois que vá, não faz mal... Saberei contê-lo... Creio que não será sempre tão... incivil. Nem sei como podes ficar com esse sangue-frio! A mim faz-me mal aos nervos!

MARGARIDA — É-me indiferente.

EMÍLIA — Mas a injúria ao sexo... não te indigna?

MARGARIDA — Pouco.

EMÍLIA — És feliz.

MARGARIDA — Que queres que eu faça a um homem que diz aquilo? Se não fosse já casada era possível que me indignasse mais. Se fosse livre era possível que lhe fizesse o que fizeste ao outro. Mas eu não posso cuidar dessas coisas...

EMÍLIA — Nem ouvindo a preferência do voltarete? Pôr-nos abaixo da dama de copas! E o ar com que diz aquilo! Que calma! Que indiferença!

MARGARIDA — É mau! É mau!

EMÍLIA — Merecia castigo...

MARGARIDA — Merecia. Queres tu castigá-lo?

EMÍLIA — Não vale a pena.

MARGARIDA — Mas tu castigaste o outro.

EMÍLIA — Sim... mas não vale a pena.

MARGARIDA — Dissimulada!

EMÍLIA (*rindo*) — Por que dizes isso?

MARGARIDA — Porque já te vejo meio tentada a uma vingança nova...

EMÍLIA — Eu? Ora, qual!

MARGARIDA — Que tem? Não é crime...

EMÍLIA — Não é, decerto; mas... Veremos!

MARGARIDA — Ah! Serás capaz?

EMÍLIA (*com um olhar de orgulho*) — Capaz?

MARGARIDA — Beijar-te-á ele a ponta dos sapatos?

EMÍLIA (*apontando com o leque para o pé*) — E hão de ser estes...

MARGARIDA — Aí vem o homem! (*Tito aparece à porta da casa*)

Cena V

TITO, EMÍLIA, MARGARIDA

TITO (*parando à porta*) — Não é segredo?

EMÍLIA — Qual! Pode vir.

MARGARIDA — Descansou mais?

TITO — Pois não! Onde está o coronel?

EMÍLIA — Está lendo as folhas da corte.

TITO — Coitado do coronel!

EMÍLIA — Coitado por quê?

TITO — Talvez em breve tenha de voltar para o exército. É duro. Quando a gente se afaz a certos lugares e certos hábitos lá lhe custa a mudar... Mas a força maior... Não as incomoda o fumo?

EMÍLIA — Não, senhor!

TITO — Então posso continuar a fumar?

MARGARIDA — Pode.

TITO — É um mau vício, mas é o meu único vício. Quando fumo parece que aspiro a eternidade. Enlevo-me todo e mudo de ser. Divina invenção!

EMÍLIA — Dizem que é excelente para os desgostos amorosos.

TITO — Isso não sei. Mas não é só isto. Depois da invenção do fumo não há solidão possível. É a melhor companhia deste mundo. Demais, o charuto é um verdadeiro *Memento homo*: reduzindo-se pouco a pouco em cinzas, vai lembrando ao homem o fim real e infalível de todas as coisas: é o aviso filosófico, é a sentença fúnebre que nos acompanha em toda a parte. Já é um grande progresso... Mas aqui estou eu a aborrecê-las com uma dissertação aborrecida... Não de desculpar... que foi descuido. (*fixando o olhar em Emília*) Ora, a falar a verdade, eu vou desconfiando; V. Exa. olha-me com uns olhos tão singulares.

EMÍLIA — Não sei se são singulares, mas são os meus.

TITO — Penso que não são os do costume. Está talvez V. Exa. a dizer consigo que eu sou um esquisito, um singular, um...

EMÍLIA — Um vaidoso, é verdade.

TITO — Sétimo mandamento: não levantarás falsos testemunhos.

EMÍLIA — Falsos, diz o mandamento.

TITO — Não me dirá em que sou eu vaidoso?

EMÍLIA — Ah! a isso não respondo eu.

TITO — Por que não quer?

EMÍLIA — Porque... não sei. É uma coisa que se sente, mas que se não pode descobrir. Respira-lhe a vaidade em tudo: no olhar, na palavra, no gesto... mas não se atina com a verdadeira origem de tal doença.

TITO — É pena. Eu tinha grande prazer em ouvir da sua boca o diagnóstico da minha doença. Em compensação pode ouvir da minha o diagnóstico da sua... A sua doença é... Digo?

EMÍLIA — Pode dizer.

TITO — É um despeitozinho.

EMÍLIA — Deveras?

TITO — Despeito pelo que eu disse há pouco.

EMÍLIA (*rindo*) — Puro engano!

TITO — É com certeza. Mas é tudo gratuito. Eu não tenho culpa de coisa alguma. A natureza é que me fez assim.

EMÍLIA — Só a natureza?

TITO — E um tanto de estudo. Ora, vou desfiar-lhe as minhas razões. Veja se posso amar ou pretender amar: 1º, não sou bonito...

EMÍLIA — Oh!...

TITO — Agradeço o protesto, mas continuo na mesma opinião: não sou bonito, não sou.

MARGARIDA — Oh!

TITO (*depois de inclinar-se*) — 2º, não sou curioso, e o amor, se o reduzirmos às suas verdadeiras proporções, não passa de uma curiosidade; 3º, não sou paciente, e nas conquistas amorosas, a paciência é a principal virtude; 4º, finalmente, não sou idiota, porque, se com todos estes defeitos, pretendesse amar, caía na maior falta de razão. Aqui está o que eu sou por natural e por indústria; veja se se pode fazer de mim um Werther...

MARGARIDA — Emília, parece que é sincero.

EMÍLIA — Acreditas?

TITO — Sincero como a verdade.

EMÍLIA — Em último caso, seja ou não seja sincero, que tenho eu com isso?

TITO — Ah! Nada! Nada!

EMÍLIA — O que farei é lamentar aquela que cair na desgraça de pretender tão duro coração... se alguma houver.

TITO — Eu creio que não há. (*entra um criado e vai falar a Margarida*)

EMÍLIA — Pois é o mais que posso fazer...

MARGARIDA — Dão-me licença por alguns minutos... Volto já.

EMÍLIA — Não te demores!

MARGARIDA — Ficas?

EMÍLIA — Fico. Creio que não há receio...

TITO — Ora, receio... (*Margarida entra em casa, o criado sai pelo fundo*)

Cena VI

TITO, EMÍLIA

EMÍLIA — Há muito tempo que se dá com o marido de Margarida?

TITO — Desde criança.

EMÍLIA — Ah! foi criança?...

TITO — Ainda hoje sou.

EMÍLIA (*voltando ao sério*) — É exatamente o tempo das minhas relações com ela. Nunca me arrependi.

TITO — Nem eu.

EMÍLIA — Houve um tempo em que estivemos separadas; mas isso não trouxe mudança alguma às nossas relações. Foi no tempo do meu primeiro casamento.

TITO — Ah! foi casada duas vezes?

EMÍLIA — Em dois anos.

TITO — E por que enviuvou da primeira?

EMÍLIA — Porque meu marido morreu.

TITO — Mas eu pergunto outra coisa. Por que se fez viúva, mesmo depois da morte de seu primeiro marido? Creio que poderia continuar casada.

EMÍLIA — De que modo?

TITO — Ficando mulher do finado. Se o amor acaba na sepultura acho que não vale a pena de procurá-lo neste mundo.

EMÍLIA — Realmente o Sr. Tito é um espírito fora do comum!

TITO — Um tanto.

EMÍLIA — É preciso que o seja para desconhecer que a nossa vida não comporta essas exigências de eterna fidelidade. E demais, pode-se conservar a lembrança dos que morreram sem renunciar às condições da nossa existência. Agora, é que eu lhe pergunto por que me olha com olhos tão singulares...

TITO — Não sei se são singulares, mas são os meus.

EMÍLIA — Então acha que eu cometi uma bigamia?

TITO — Eu não acho nada. Ora, deixe-me dizer-lhe a última razão da minha incapacidade para os amores.

EMÍLIA — Sou toda ouvidos.

TITO — Eu não creio na fidelidade.

EMÍLIA — Em absoluto?

TITO — Em absoluto.

EMÍLIA — Muito obrigada!

TITO — Ah! eu sei que isto não é delicado; mas, em primeiro lugar, eu tenho a coragem das minhas opiniões, e em segundo, foi V. Exa. quem me provocou. É infelizmente verdade, eu não creio nos amores leais e eternos. Quero fazê-la minha confidente. Houve um dia em que tentei amar; concentrei todas as formas vivas do meu coração; dispus-me a reunir o meu orgulho e a minha ilusão na cabeça do objeto amado. Que lição mestra! O objeto amado, depois de me alimentar as esperanças, casou-se com outro que não era nem mais bonito, nem mais amante.

EMÍLIA — Que prova isso?

TITO — Prova que me aconteceu o que pode acontecer e acontece diariamente aos outros.

EMÍLIA — Ora...

TITO — Há de me perdoar, mas eu creio que é uma coisa já metida na massa do sangue.

EMÍLIA — Não diga isso. É certo que podem acontecer casos desses; mas serão todas assim? Não admite uma exceção que seja? Seja menos prevenido; aprofunde mais os corações alheios se quiser encontrar a verdade... e há de encontrá-la.

TITO (*abanando a cabeça*) — Qual...

EMÍLIA — Posso afirmá-lo.

TITO — Duvido.

EMÍLIA (*dando-lhe o braço*) — Tenho pena de uma criatura assim! Não conhecer o amor é não conhecer a felicidade, é não conhecer a vida! Há nada igual à união de duas almas que se adoram? Desde

que o amor entra no coração, tudo se transforma, tudo muda, a noite parece dia, a dor assemelha-se ao prazer... Se não conhece nada disto, pode morrer, porque é o mais infeliz dos homens.

TITO — Tenho lido isso nos livros, mas ainda não me convenci...

EMÍLIA — Há de ir um dia à minha casa.

TITO — É dado saber por quê?

EMÍLIA — Para ver uma gravura que lá tenho na sala: representa o amor domando as feras. Quero convencê-lo.

TITO — Com a opinião do desenhista? Não é possível. Tenho visto gravuras vivas. Tenho servido de alvo a muitas setas; crivam-me todo, mas eu tenho a fortaleza de São Sebastião; afronto, não me curvo.

EMÍLIA (*tira-lhe o braço*) — Que orgulho!

TITO — O que pode fazer dobrar uma altivez destas? A beleza? Nem Cleópatra. A castidade? Nem Susana. Resuma, se quiser, todas as qualidades em uma só criatura e eu não mudarei... É isto e nada mais.

EMÍLIA (*à parte*) — Veremos. (*vai sentar-se*)

TITO (*sentando-se*) — Mas, não me dirá; que interesse tem na minha conversação?

EMÍLIA — Eu? Não sei... nenhum.

TITO (*pega no livro*) — Ah!

EMÍLIA — Só se fosse o interesse de salvar-lhe a alma...

TITO (*folheando o livro*) — Oh! essa... está salva!

EMÍLIA (*depois de uma pausa*) — Está admirando a beleza dos versos?

TITO — Não senhora; estou admirando a beleza da impressão. Já se imprime bem no Rio de Janeiro. Aqui há anos era uma desgraça. V. Exa. há de conservar ainda alguns livros da impressão antiga...

EMÍLIA — Não, senhor; eu nasci depois que se começou a imprimir bem.

TITO (*com a maior frieza*) — Ah! (*deixa o livro*)

EMÍLIA (*à parte*) — É terrível! (*alto, indo ao fundo*) Aquele coronel ainda não acabaria de ler as notícias?

TITO — O coronel?

EMÍLIA — Parece que se embebeu todo no jornal... Vou mandar chamá-lo... Não chegará alguém?

TITO (com os olhos cerrados) — Mande, mande...

EMÍLIA (*consigo*) — Não, tu é que hás de ir. (*alto*) Quem me chamará o coronel? (*à parte*) Não se move!... (*indo por trás da cadeira de Tito*) Em que medita? No amor? Sonha com os anjos? (*ameigando a voz*) A vida do amor é a vida dos anjos... é a vida do céu... (*vendo-o com os olhos, fechados*) Dorme!... Dorme!...

TITO (*despertando, com espanto*) — Dorme?... Quem? Eu?... Ah! o cansaço... (*levanta-se*) Desculpe... é o cansaço... cochilei... também Homero cochilava... Que há?

EMÍLIA (*séria*) — Não há nada! (*vai para o fundo*)

TITO (*à parte*) — Sim? (*alto*) Mas não me dirá?... (*dirige-se para o fundo. Entra o coronel*)

Cena VII

Os mesmos, CORONEL

CORONEL (*com a folha na mão*) — Estou acerbo!

EMÍLIA (*com muito agrado e solicitude*) — Que aconteceu?

CORONEL — Vou naturalmente para a Europa.

TITO — Morreu o urso no caminho?

CORONEL — Qual urso, nem meio urso! Rebentou uma revolução na Polónia!

EMÍLIA — Ah!...

TITO — Lá vai o coronel brilhar...

CORONEL — Qual brilhar!... (*consigo*) Esta só pelo diabo...

Cena VIII

Os mesmos, SEABRA, MARGARIDA

MARGARIDA (*a Emília*) — Que é isso? (*vendo-a preparar-se*) Que é isso? Já te vais?

EMÍLIA — Já, mas volto amanhã.

MARGARIDA — É sério?

EMÍLIA — Muito sério.

TITO (*a Seabra*) — A tal viagem da serra pôs-me entrompado. Ando dormindo em pé.

CORONEL (*a Margarida*) — Até amanhã.

MARGARIDA — Que ar triste é esse?

CORONEL — Fortunas minhas!

EMÍLIA (*a Margarida*) — Temos muito que conversar. Até amanhã. (*beijam-se. O coronel despede-se dos outros. Emília despede-se de Seabra e de Tito, mas com certa frieza*)

Cena IX

MARGARIDA, SEABRA, TITO

MARGARIDA — Emília sai amuada. (*a Tito*) Que foi?

TITO — Não sei... ela é boa senhora; um pouco secantezinha... muito dada à poesia... ora eu sou todo da prosa... (*batendo no estômago*) Há prosa?

SEABRA — Ainda não jantaste? Anda jantar...

TITO — Vamos à prosa, vamos à prosa!

ATO SEGUNDO

(*Sala em casa de Emília.*)

Cena I

MARGARIDA, CORONEL

MARGARIDA — Ora viva!

CORONEL (*triste*) — Bom dia, minha senhora!

MARGARIDA — Que ar triste é esse?

CORONEL — Ah! minha senhora... sou o mais infeliz dos homens...

MARGARIDA — Por quê? Venha sentar-se... (*o coronel senta-se*) Então, conte-me... Que há?

CORONEL — Duas desgraças. A primeira em forma de ofício da minha legação.

MARGARIDA — É chamado ao exército?

CORONEL — Exatamente. A segunda em forma de carta.

MARGARIDA — De carta?

CORONEL (*dando-lhe uma carta*) — Veja isto. (*Margarida lê e dá-lha de novo*) Que me diz a isto?

MARGARIDA — Não compreendo...

CORONEL — Esta carta é dela.

MARGARIDA — Sim, e depois?

CORONEL — É para ele.

MARGARIDA — Ele quem?

CORONEL — Ele! o diabo! o meu rival! o Tito!

MARGARIDA — Ah!

CORONEL — Dizer-lhe o que senti quando apanhei esta carta é impossível. Nunca tremi nem mesmo na Criméia, e olhe que estava feio! Mas quando li isto não sei que vertigem se apoderou de mim. Fez-me o efeito de um ucasse de desterro para a Sibéria. Ah! a Sibéria é um paraíso à vista de Petrópolis neste momento. Ando tonto! A cada passo como que desmaio... Ah!...

MARGARIDA — Ânimo!

CORONEL — É isto mesmo que eu vinha buscar... é uma consolação, uma animação. Soube que estava aqui e estimei achá-la só... Ah! quanto sinto que o estimável seu marido esteja vivo... porque a melhor consolação era aceitar V. Exa. um coração tão mal compreendido.

MARGARIDA — Felizmente ele está vivo.

CORONEL — Felizmente! (*mudando o tom*) Tive duas idéias. Uma foi o desprezo; mas desprezá-los é pô-los em maior liberdade e ralar-me de dor e de vergonha; a segunda foi o duelo; é melhor... ou mato... ou...

MARGARIDA — Deixe-se isso.

CORONEL — É indispensável que um de nós seja riscado do número dos vivos...

MARGARIDA — Pode ser engano...

CORONEL — Mas não é engano, é certeza.

MARGARIDA — Certeza de quê?

CORONEL — Ora ouça: (*lê o bilhete*) "Se ainda não me compreendeu é bem curto de penetração. Tire a máscara e eu me explicarei. Esta noite tomo chá sozinha. O importuno coronel não me incomodará com as suas tolices. Dê-me a felicidade de vê-lo e admirá-lo. *Emília.*"

MARGARIDA — Mas que é isto?

CORONEL — Que é isto? Ah! se fosse mais do que isto já eu estava morto! Pude pilhar a carta e a tal entrevista não se deu...

MARGARIDA — Quando foi escrita a carta?

CORONEL — Ontem.

MARGARIDA — Tranqüilize-se: posso afirmar-lhe que essa carta é pura caçoada. Trata-se de vingar o nosso sexo ultrajado; trata-se de fazer com que o Tito se apaixone... nada mais.

CORONEL — Sim?

MARGARIDA — É pura verdade. Mas veja lá. Isto é segredo. Se lho descobri foi por vê-lo tão aflito. Não nos comprometa.

CORONEL — Isso é sério?

MARGARIDA — Como quer que lho diga?

CORONEL — Ah! que peso me tirou! Pode estar certa de que o segredo caiu num poço. Oh! muito me hei de rir!... muito me hei de rir!... Que boa inspiração tive em vir falar-lhe! Diga-me: posso dizer à D. Emília que sei tudo?

MARGARIDA — Não!

CORONEL — É então melhor que não me dê por achado...

MARGARIDA — Sim.

CORONEL — Muito bem!

Cena II

Os mesmos, TITO

TITO — Bom dia, D. Margarida... Sr. Coronel... (*a Margarida*) Sabe que acordei não há uma hora? Disseram-me que tinham saído a visitar D. Emília. Almocei e aqui estou.

MARGARIDA — Dormiu bem?

TITO — Como um justo. Tive sonhos cor-de-rosa: sonhei com o coronel...

CORONEL (*mofando*) — Ah! Sonhou comigo?... (*à parte*) Coitado! Tenho pena dele!

MARGARIDA — Sabe que o Sr. meu marido anda de passeio?

TITO — Sim? (*vai à janela*) E a manhã está bonita! Manhã? Já não é muito cedo... Jantam cá?

MARGARIDA — Não sei. Tenho duas visitas para fazer: uma, com Emília, outra, com Ernesto.

CORONEL (*a Tito*) — Então vai engordando?

TITO — Acha?

CORONEL — Pois não! Eu creio que é do amor...

TITO — Do amor? Ó coronel, está sonhando?

CORONEL (*misterioso*) Talvez... talvez... (*à parte*) Tu é que estás sonhando.

MARGARIDA — Eu vou ver se Emília está pronta.

TITO — Pois não... Ah! ela está boa?

MARGARIDA — Está. Até já. (*baixo ao coronel*) Silêncio.

Cena III

CORONEL, TITO

TITO — Como vão os seus amores?

CORONEL — Que amores?

TITO — Os seus, a Emília... Já lhe fez compreender toda a imensidade da paixão que o devora?

CORONEL (*ar mofado*) — Qual... Preciso de algumas lições... Se mas quisesse dar?...

TITO — Eu? Está sonhando!

CORONEL — Ah! eu sei que o senhor é forte... É modesto, mas é forte... é até fortíssimo!... Ora, eu sou realmente um aprendiz... Tive há pouco a idéia de desafiá-lo.

TITO — A mim?

CORONEL — É verdade, mas foi uma loucura de que me arrependo.

TITO — Além de que, não é uso em nosso país...

CORONEL — Em toda a parte é uso vingar a honra.

TITO — Bravo, D. Quixote!

CORONEL — Ora, eu acreditava-me ofendido na honra.

TITO — Por mim?

CORONEL — Mas emendei a mão; reparei que era antes eu quem ofendia, pretendendo lutar com um mestre, eu, simples aprendiz...

TITO — Mestre de quê?

CORONEL — Dos amores. Oh! eu sei que é mestre...

TITO — Deixe-se disso... eu não sou nada... O coronel, sim; o coronel vale um urso, vale mesmo dois. Como havia de eu... Ora! Aposto que teve ciúmes?

CORONEL — Exatamente.

TITO — Mas era preciso não me conhecer, não saber das minhas idéias...

CORONEL — Homem, às vezes é pior.

TITO — Pior, como?

CORONEL — As mulheres não deixam uma afronta sem castigo... As suas idéias são afrontosas... Qual será o castigo?... *(depois de uma pausa)* Paro aqui... paro aqui...

TITO — Onde vai?

CORONEL — Vou sair. Adeus. Não se lembre mais da minha desastrada idéia do duelo...

TITO — Isso está acabado... Ah! você escapou de boa!

CORONEL — De quê?

TITO — De morrer. Eu enfiava-lhe a espada por esse abômen... com um gosto... com um gosto só comparável ao que tenho de abraçá-lo vivo e são!

CORONEL *(com um riso amarelo)* — Obrigado, obrigado. Até logo!

TITO — Não se despede dela?

CORONEL — Eu volto já...

Cena IV

TITO (só) — Este coronel não tem nada de original... Aquela opinião a respeito das mulheres não é dele... Melhor, vai-se confirmando... Nem me são precisas novas confirmações... Já sei tudo... Ah! minha conquistadora!... Aí vêm as duas...

Cena V

TITO, MARGARIDA, EMÍLIA

EMÍLIA — Bons olhos o vejam...

TITO — Bons e bonitos...

MARGARIDA — Vamos à nossa visita.

TITO — Ah!...

EMÍLIA — A demora é pouca... Pode esperar-nos...

TITO — Obrigado... Esperarei... Tenho a janela para olhá-las até perdê-las de vista... Depois tenho estes álbuns, estes livros...

EMÍLIA (*ao espelho*) — Tem o espelho para se mirar...

TITO — Oh! isso é completamente inútil para mim!

Cena VI

Os mesmos, SEABRA

SEABRA (*a Tito*) — Oh! Finalmente acordaste!

TITO — É verdade... Não me lembro de ter passado nunca tão belas noites como estas de Petrópolis. Já nem tenho pesadelos... Pois olha, eu era vítima... Agora não, durmo como um justo...

SEABRA (*às duas*) — Estão de volta?

MARGARIDA — Ainda agora vamos!

SEABRA — Então tenho ainda de esperar?...

EMÍLIA — Um simples quarto de hora...

SEABRA — Só?

TITO — Um quarto de hora feminino... meia eternidade...

EMÍLIA — Vamos desmenti-lo...

TITO — Ah! Tanto melhor...

MARGARIDA — Até já... *(saem as duas)*

Cena VII

TITO, SEABRA

SEABRA — Ora, esperemos ainda...

TITO — Onde foste?

SEABRA — Fui passear... Compreendi que é preciso ver e admirar o que é indiferente, para apreciar e ver melhor aquilo que for a felicidade íntima do coração.

TITO — Ali! Sim? Bem vês que até a felicidade por igual fatiga! Afinal sempre a razão está do meu lado...

SEABRA — Talvez... Apesar de tudo quer-me parecer que já intentas entrar na família dos casados.

TITO — Eu?

SEABRA — Tu, sim.

TITO — Por quê?

SEABRA — Mas, dize; é ou não verdade?

TITO — Qual, verdade!

SEABRA — O que sei é que uma destas tardes, em que adormeceste lendo, não sei que livro, ouvi-te pronunciar em sonhos, com a maior ternura, o nome de Emília.

TITO — Deveras?

SEABRA — É exato. Concluí que se sonhavas com ela é que a tinhas no pensamento, e se a tinhas no pensamento é que a amavas.

TITO — Concluíste mal.

SEABRA — Mal?

TITO — Concluíste como um marido de cinco meses. Que prova um sonho?

SEABRA — Prova muito!

TITO — Não prova nada! Pareces velha supersticiosa...

SEABRA — Mas enfim alguma coisa há, por força... Serás capaz de me dizeres o que é?

TITO — Homem, podia dizer-te alguma coisa se não fosses casado...

SEABRA — Que tem que eu seja casado?

TITO — Tem tudo. Serias indiscreto sem querer e até sem saber. À noite, entre um beijo e um bocejo, o marido e a mulher abrem, um para o outro, a bolsa das confidências. Sem pensares, deitavas tudo a perder.

SEABRA — Não digas isso. Vamos lá. Há novidade?

TITO — Não há nada.

SEABRA — Confirmas as minhas suspeitas. Gostas de Emília.

TITO — Ódio não lhe tenho, é verdade.

SEABRA — Gostas. E ela merece. É uma boa senhora, de não vulgar beleza, possuindo as melhores qualidades. Talvez preferisses que não fosse viúva?...

TITO — Sim; é natural que se embeveça dez vezes por dia na lembrança dos dois maridos que já exportou para o outro mundo... à espera de exportar o terceiro.

SEABRA — Não é dessas...

TITO — Afianças?

SEABRA — Quase que posso afiançar.

TITO — Ah! meu amigo, toma o conselho de um tolo: nunca afiances nada, principalmente em tais assuntos. Entre a prudência discreta e a cuja confiança não é lícito duvidar, a escolha está decidida nos próprios termos da primeira. O que podes tu afiançar a respeito da Emília? Não a conheces melhor do que eu. Há quinze dias que nos conhecemos e eu já lhe leio no interior; estou longe de atribuir-lhe maus sentimentos; mas, tenho a certeza de que não possui as raríssimas qualidades que são necessárias à exceção. Que sabes tu?

SEABRA — Realmente, eu não sei nada.

TITO (*à parte*) — Não sabe nada!

SEABRA — Falo pelas minhas impressões. Parecia-me que um casamento entre vocês ambos não vinha fora de propósito.

TITO (*pondo o chapéu*) — Se me falas outra vez em casamento, saio.

SEABRA — Pois só a palavra?...

TITO — A palavra, a idéia, tudo.

SEABRA — Entretanto admiras e aplaudes o meu casamento...

TITO — Ah! eu aplaudo nos outros muita coisa de que não sou capaz de usar... Depende da vocação...

Cena VIII

Os mesmos, MARGARIDA, EMÍLIA

EMÍLIA — O que é que depende de vocação?

TITO — Usar chapéu do Chile. Eu diria que este gênero de chapéus fica muito bem em Ernesto, mas que eu não sou capaz de usá-lo; porque... porque depende da vocação. Não pensa comigo que contra a vocação não há nada capaz?

EMÍLIA — Plenamente.

TITO (*a Seabra*) — Toma lá!...

SEABRA (*à parte a Tito*) — Velhaco!... (*alto a Margarida*) Margarida, vamos embora?

MARGARIDA — Já para casa?

SEABRA — Vamos primeiro ao tio e depois para casa.

EMÍLIA — Sem passarem por aqui na volta?

MARGARIDA — Ele é quem manda.

SEABRA — Se não for muito o cansaço...

EMÍLIA — Ora, o dia está fresco e sombrio; é perto, e o caminho é excelente. Se não me baterem à porta ficamos mal para sempre.

SEABRA — Ah! isto não... (*a Tito*) Também vens?

TITO (*de chapéu na mão*) — Também.

EMÍLIA — E assim me deixa só?

TITO — Tem muito empenho em que eu fique?

EMÍLIA — Agrada-me a sua conversa.

TITO — Fico. Até logo.

Cena IX

TITO, EMÍLIA

TITO — V. Exa. disse agora uma falsidade.

EMÍLIA — Qual foi?

TITO — Disse que lhe era agradável a minha conversa. Ora, isso é falso como tudo quanto é falso...

EMÍLIA — Quer um elogio?

TITO — Não, falo franco. Eu nem sei como V. Exa. me atura: desabrido, maçante, às vezes chocarreiro, sem fé em coisa alguma, sou um conversador muito pouco digno de ser desejado. É preciso ter uma grande soma de bondade para ter expressões tão benévolas... tão amigas...

EMÍLIA — Deixe esse ar de mofa e...

TITO — Mofa, minha senhora?...

EMÍLIA — Ontem tomei chá sozinha!... sozinha!

TITO (*indiferente*) — Ah!

EMÍLIA — Contava que o senhor viesse aborrecer-se urna hora comigo...

TITO — Qual, aborrecer... Eu lhe digo: o culpado foi o Ernesto.

EMÍLIA — Ah! foi ele?...

TITO — É verdade; deu comigo aí em casa de uns amigos, éramos quatro ao todo, rolou a conversa sobre o voltarete e acabamos por formar mesa. Ah! mas foi uma noite completa! Aconteceu-me o que me acontece sempre: ganhei!

EMÍLIA (*triste*) — Está bom...

TITO — Pois olhe, ainda assim eu não jogava com pixotes; eram mestres de primeira força; um principiante; até às onze horas a fortuna pareceu desfavorecer-me, mas dessa hora em diante desandou a roda para eles e eu comecei a assombrar... pode ficar certa de que os assombrei. (*Emília leva o lenço aos olhos*) Ah! é que eu tenho diploma... mas que é isso? Está chorando?

EMÍLIA (*tirando o lenço e sorrindo*) - Qual; pode continuar.

TITO — Não há mais nada; foi só isto.

EMÍLIA — Estimo que a noite lhe corresse feliz...

TITO — Alguma coisa...

EMÍLIA — Mas, a uma carta responde-se; por que não respondeu à minha?

TITO — À sua qual?

EMÍLIA — À carta que lhe escrevi pedindo que viesse tomar chá comigo?

TITO — Não me lembro.

EMÍLIA — Não se lembra?

TITO — Ou, se recebi essa carta, foi em ocasião que a não pude ler, e então esqueci-a em algum lugar...

EMÍLIA — É possível; mas é a última vez...

TITO — Não me convida mais para tomar chá?

EMÍLIA — Não. Pode arriscar-se a perder distrações melhores.

TITO — Isso não digo; V. Exa. trata bem a gente e em sua casa passam-se bem as horas... Isto é com franqueza. Mas então tomou chá sozinha? E o coronel?

EMÍLIA — Descartei-me dele. Acha que ele seja divertido?

TITO — Parece que sim... É um homem delicado; um tanto dado às paixões, é verdade, mas sendo esse um defeito comum, acho que nele não é muito digno de censura.

EMÍLIA — O coronel está vingado.

TITO — De quê, minha senhora?

EMÍLIA *(depois de uma pausa)* — De nada! *(levanta-se e dirige-se ao piano)*

TITO *(com ar indiferente)* — Ah!

EMÍLIA — Vou tocar; não aborrece?

TITO — V. Exa. é senhora de sua casa...

EMÍLIA — Não é essa a resposta.

TITO — Não aborrece, não... pode tocar. *(Emília começa algum pedaço musical melancólico)* V. Exa. não toca alguma coisa mais alegre?

EMÍLIA *(parando)* — Não... traduzo a minha alma. *(levanta-se)*

TITO — Anda triste?

EMÍLIA — Que lhe importam as minhas tristezas?

TITO — Tem razão; não importam nada. Em todo o caso não é comigo?

EMÍLIA — Acha que lhe hei de perdoar a desfeita que me fez?

TITO — Qual desfeita, minha senhora?

EMÍLIA — A desfeita de me deixar tomar chá sozinha.

TITO — Mas eu já expliquei...

EMÍLIA — Paciência! O que sinto é que também nesse voltarete estivesse o marido de Margarida.

TITO — Ele retirou-se às dez horas; entrou um parceiro novo, que não era de todo mau...

EMÍLIA — Pobre Margarida!

TITO — Mas se eu lhe digo que ele se retirou às dez horas...

EMÍLIA — Não devia ter ido. Devia pertencer sempre a sua mulher. Sei que estou falando a um descrido; não pode calcular a felicidade e os deveres do lar doméstico. Viverem duas criaturas, uma para a outra, confundidas, unificadas; pensar, aspirar, sonhar a mesma coisa; limitar o horizonte nos olhos de cada uma, sem outra ambição, sem inveja de mais nada. Sabe o que é isto?

TITO — Sei. É o casamento... por fora.

EMÍLIA — Conheço alguém que lhe provava aquilo tudo...

TITO — Deveras? Quem é essa fênix?

EMÍLIA — Se lho disser, há de mofar; não digo.

TITO — Qual mofar! Diga lá, eu sou curioso.

EMÍLIA (*séria*) — Não acredita que haja alguém que o ame?

TITO — Pode ser...

EMÍLIA — Não acredita que alguém, por curiosidade, por despeito, por outra coisa que seja, tire da originalidade do seu espírito os influxos de um amor verdadeiro, mui diverso do amor ordinário dos salões; um amor capaz de sacrifício, capaz de tudo? Não acredita?

TITO — Se me afirma, acredito; mas...

EMÍLIA — Existe a pessoa e o amor.

TITO — São então duas fênix.

EMÍLIA — Não zombe. Existem... Procure...

TITO — Ah! isso há de ser mais difícil: não tenho tempo. E supondo que achasse de que me valia? Para mim é perfeitamente inútil. Isso é bom para outros; para o coronel, por exemplo... Por que não diz isso ao coronel?

EMÍLIA — Ao coronel? (*silêncio*) Adeus, Sr. Tito, desculpe, eu me retiro...

TITO — Adeus, minha senhora. (*dirige-se para o fundo. Emília vai a sair pela direita alta, pára*)

EMÍLIA — Não vá!

TITO — Que não vá?

EMÍLIA (*prorrogando*) — Não vê que o amo? Não vê que sou eu?...

TITO — V. Exa.?

EMÍLIA — Eu, sim! Debalde procuraria ocultá-lo... fora impossível. Não cuidei nunca que viesse a amá-lo assim... E olhe, deve ser muito, para que uma mulher seja a primeira a revelar... Pode acaso calculá-lo?

TITO — Deve ser muito, deve... mas a minha situação é difícil: que lhe hei de responder?

EMÍLIA — O que quiser; não me responda nada, se lhe parece: mas não repila, lamente-me antes.

TITO — Nem lamento, nem repilo. Respondo... depois responderei. Entretanto, acalme os seus transportes e consinta que eu me retire...

EMÍLIA — Ah! vejo que não me ama.

TITO — Não é culpa minha... Mas que é isso, minha senhora? Acalme-se... eu vou sair... a prolongação desta cena seria sobremodo desagradável e inconveniente. Adeus!

Cena X

EMÍLIA, só, depois MARGARIDA

EMÍLIA — Saiu! É verdade! Não me ama... não me pode amar... (*silêncio*) Fui talvez imprudente! Mas o coração... oh! meu coração!

MARGARIDA (*entrando*) — Que tem o Tito que me tirou o Ernesto do braço e lá saiu com ele?

EMÍLIA — Saíram ambos?

MARGARIDA (*indo à janela*) — Olha, lá vão eles...

EMÍLIA (*idem*) — É verdade.

MARGARIDA — O Tito tira um papel do bolso e mostra a Ernesto.

EMÍLIA (*olhando*) — Que será?

MARGARIDA — Mas que aconteceu?

EMÍLIA — Aconteceu o que não prevíamos...

MARGARIDA — É invencível?

EMÍLIA — Por desgraça minha; mas há coisa pior...

MARGARIDA — Pior?...

EMÍLIA — Escuta; és quase minha irmã; não te posso ocultar nada.

MARGARIDA — Que ar agitado!

EMÍLIA — Margarida, eu o amo!

MARGARIDA — Que me dizes?

EMÍLIA — Isto mesmo. Amo-o doidamente, perdidamente, completamente. Procurei até agora vencer esta paixão, mas não pude; agora mesmo que, por vãos preconceitos, tratava de ocultar-lhe o estado do meu coração, não pude; as palavras saíram-me dos lábios insensivelmente... Declarei-lhe tudo...

MARGARIDA — Mas como se deu isto?

EMÍLIA — Eu sei! Parece que foi castigo. Quis fazer fogo e queimei-me nas mesmas chamas. Ah! não é de hoje que me sinto assim. Desde que os seus desdêns em nada cederam, comecei a sentir não sei o quê; ao princípio despeito, depois um desejo de triunfar, depois uma ambição de ceder tudo contanto que tudo ganhasse; afinal, nem fui senhora de mim. Era eu quem me sentia doidamente apaixonada e lho manifestava, por gestos, por palavras, por tudo; e mais crescia nele a indiferença, mais crescia o amor em mim. Hoje não pude, declarei-me.

MARGARIDA — Mas estás falando séria?

EMÍLIA — Olha antes para mim.

MARGARIDA — Pois será possível? Quem pensara?...

EMÍLIA — A mim própria parece impossível; mas é mais que verdade...

MARGARIDA — E ele?

EMÍLIA — Ele disse-me quatro palavras indiferentes, nem sei o que foi, e retirou-se...

MARGARIDA — Resistirá?

EMÍLIA — Não sei.

MARGARIDA — Se eu adivinhara isto não te animaria naquela malfadada idéia.

EMÍLIA — Não me compreendeste. Cuidas que eu deploro o que me acontece? Oh! não! Sinto-me feliz, sinto-me orgulhosa... É um destes amores que bastam por si para encher a alma de satisfação. Devo antes abençoar-te...

MARGARIDA — É uma verdadeira paixão... Mas acreditas impossível a conversão dele?

EMÍLIA — Não sei; mas seja ou não impossível, não é a conversão que eu peço; basta-me que seja menos indiferente e mais compassivo.

Cena XI

As mesmas, TITO

TITO — Deixei o Ernesto lá fora para que não ouça o que se vai passar...

MARGARIDA — O que é que se vai passar?

TITO — Uma coisa simples.

MARGARIDA — Mas, antes de tudo, não sei se sabe que uma indiferença tão completa como a sua pode ser fatal a quem é por natureza menos indiferente?

TITO — Refere-se à sua amiga? Eu corto tudo com duas palavras. (*a Emília*) Aceita a minha mão? (*estende-lhe a mão*)

EMÍLIA (*alegremente*) — Oh! sim! (*dá-lhe a mão*)

MARGARIDA — Bravo!

TITO — Mas é preciso medir toda a minha generosidade; eu devia dizer: aceito a sua mão. Devia ou não devia? Sou um tanto original e gosto de fazer inversão em tudo.

EMÍLIA — Pois sim; mas de um ou outro modo sou feliz. Contudo, um remorso me surge na consciência. Dou-lhe uma felicidade tão completa como a recebo?

TITO — Remorso, se é sujeita aos remorsos, deve ter um, mas por motivo diverso. Minha senhora, V. Exa. está passando neste momento pelas forcas caudinas. (*a Margarida*) Vou contar-lhe, minha senhora, uma curiosa história. (*a Emília*) Fi-la sofrer, não? Ouvindo o que vou dizer concordará que eu já antes sofria e muito mais.

MARGARIDA — Temos romance?

TITO — Realidade, minha senhora, e realidade em prosa. Um dia, há já alguns anos, tive eu a felicidade de ver uma senhora, e amei-a. O

amor foi tanto mais indomável quanto que me nasceu de súbito. Era então mais ardente que hoje, não conhecia muito os usos do mundo. Resolvi declarar-lhe a minha paixão e pedi-la em casamento. Tive em resposta este bilhete...

EMÍLIA (*detendo-o*) — Percebo. Essa senhora fui eu. Estou humilhada; perdão!

TITO — Meu amor a perdoa; nunca deixei de amá-la. Eu estava certo de encontrá-la um dia, e procedi de modo a fazer-me o desejado. Sou mais generoso...

MARGARIDA — Escreva isto e dirão que é um romance.

TITO — A vida não é outra coisa...

MARGARIDA — Agora dê-me conta do meu marido.

TITO — Não pode tardar; dei-lhe um prazo para vir. Olhe, creio que é ele...

EMÍLIA — E o coronel também.

Cena XII

Os mesmos, CORONEL e SEABRA

SEABRA (*da porta*) — É lícito o ingresso?

TITO — Entra, entra...

EMÍLIA — Vai saber de boas novidades...

SEABRA — Sim?

MARGARIDA (*baixo*) — Casam-se

SEABRA (*idem*) — Já sabia.

MARGARIDA (*baixo*) — Era um plano da parte dele.

SEABRA (*idem*) — Já sabia. Ele me disse tudo.

EMÍLIA — O que eu desejo é que jantem comigo.

SEABRA — Pois não.

CORONEL — Tenho estado à espera de dar uma boa notícia. Recebi uma carta que me dá parte de que o urso está na alfândega.

EMÍLIA — Pois vá fazer-lhe companhia.

CORONEL — O quê?

TITO — D. Emília só precisa agora de um urso: sou eu.

CORONEL — Não percebo...

EMÍLIA — Apresento-lhe o meu futuro marido.

CORONEL (*espantado*) — Ah!... (*caindo em si*) Bom!... bom!... marido? Já sei... (*à parte*) Que pateta! Não compreende...

EMÍLIA — O que é?

MARGARIDA (*baixo*) — Cala-te; eu tinha-lhe contado o teu plano; o pobre homem acredita nele.

EMÍLIA — Ah!...

SEABRA — Afinal, sentas praça nas minhas fileiras.

TITO (*tomando a mão de Emília*) — Ah! mas no posto de coronel!

(*Fim da comédia.*)